

PÁGINA MULHERES EMPODERADAS: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO E CULTURA

Gabriela Gomes Leão, (Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, FAMMA, Maringá-PR, Brasil); Maria Joanna Casagrande Soares-Correira, (Departamento de Publicidade e Propaganda, FAMMA, Maringá-PR, Brasil).

contato: gabriela.leao.adm@gmail.com

RESUMO

O gênero é construído socialmente e dita como o indivíduo deve ver seu corpo, a sua personalidade e o seu comportamento. O empoderamento surge como uma possibilidade para mudar o paradigma no qual o gênero feminino está inserido. O movimento feminista conseguiu vários avanços em relação à emancipação do estereótipo feminino, mas um persiste com veemência: o ideal da beleza. Neste sentido, este artigo analisa quatro postagens da página do *Facebook Mulheres Empoderadas*, pelo viés de gênero, cultura, empoderamento e padrão de beleza. Discutiremos o contexto das postagens, as reflexões que podem gerar e as formas de empoderamento feminino, para isso usaremos como metodologia análise bibliográfica, que embasará as discussões levantadas através das postagens da página. Podemos inferir que a página *Facebook Mulheres Empoderadas* contribui para o empoderamento de suas leitoras e exerce uma função de grupo de apoio, no qual a leitora se identifica com os relatos das vivências.

PALAVRAS-CHAVE: Empoderamento. Mulher. Gênero.

INTRODUÇÃO

Quando falamos a respeito de gênero, estamos nos referindo às construções sociais que o cercam com o intuito de determinar o comportamento correto para cada pessoa de acordo com seu gênero, desta forma precisamos analisar o contexto a qual esse indivíduo está inserido para entender a demanda e o estereótipo que o mesmo sofre. Para esta pesquisa escolhemos conhecer como as produções da web estão contribuindo para a desmistificação do gênero feminino. Analisaremos as postagens da página do *Facebook Mulheres Empoderadas*, sob a ótica dos estudos de gênero e de cultura, tendo em vista que o conteúdo destes demonstra uma reflexão sobre a cultura e as formas de empoderamento da mulher.

Iniciaremos com uma análise bibliográfica, por meio de livros e artigos científicos, que darão embasamento para as discussões levantadas dos depoimentos publicados pela página. Utilizamos Nicholson (1999) e Scott (1989) para conceituarmos gênero e sexo; o empoderamento, por Baquero (2012), Sardenberg (2006). As postagens foram contextualizadas

pela perspectiva do padrão de beleza, no qual tivemos respaldo em Wolf (1992), Flor (2010), Faria (2010) e Campelo (2003).

CONCEITUAÇÃO DE GÊNERO

A discussão de gênero está em evidência, entretanto, o conceito ainda gera questionamentos. Segundo Nicholson (1999), gênero e sexo possuem significados diferentes – sexo é pautado por questões biológicas e gênero é a construção social da diferenciação do que é feminino e do que é masculino. Sendo assim, a sociedade age equivocadamente ao explicar as diferenças entre masculino e feminino por fatores biológicos. A construção social do gênero acarreta na determinação de padrões que devem ser seguidos pelos indivíduos, ditando como deve ser o comportamento, a sua personalidade e como devem ver o seu próprio corpo. Scott (1989) afirma que o gênero vai explicar a razão e o porquê da diferenciação dos sexos, e salienta que a diferenciação entre os sexos existem por causa da concepção que temos sobre o corpo. Tal concepção foi construída socialmente, sendo assim, a nossa interpretação não é pura, é fruto do que a sociedade nos ensinou como correto.

Corroborando, Scott (1989) afirma que a essência do gênero é entendida de duas formas que se complementam. Primeiro, ele é formado pelo o que as relações sociais ditam a respeito das diferenças dos sexos. Segundo, gênero está estritamente ligado na constituição das relações de poder. Quando ocorre uma mudança na organização das relações sociais, a consequência é que o perfil de quem detém o poder também se altere. Devido ao fato do gênero ser formado pelo o que a sociedade dita a respeito das diferenças dos sexos, ele possui quatro elementos que se relacionam entre si. O primeiro elemento seria o fato de que cada cultura possui símbolos que possuem diversas representações, geralmente são contraditórias. O segundo elemento ocorre quando esses símbolos recebem conotação que direcionam a uma interpretação específica e acabam limitando seu significado, definindo como deve ser entendido, sem dar margem para outras possibilidades de entendimento.

Esses conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tipicamente tomam a forma de uma oposição binária que afirma de forma categórica e sem equívoco o sentido do masculino e do feminino (SCOTT, 1989, p. 21).

Nicholson (1999), por sua vez, aponta que ao determinarmos a diferenciação de homens e mulheres pautados em fatores biológicos, a consequência é a impossibilidade de mudança desse paradigma, pois eles são inerentes ao nascimento e a genética. A partir desse momento,

emerge o conceito de gênero, no qual as feministas vão trazer a ideia de que essas diferenciações são frutos de uma construção social e não biológica, e que essas construções também serviam para determinar o comportamento e a personalidade. A diferenciação entre masculino/feminino estão relacionados aos estereótipos que são impostos culturalmente, por isso, essa diferenciação irá variar de acordo com cada cultura.

EMPODERAMENTO

A sociedade é marcada por relatos de dominações de um povo ou líderes sobre os demais da população. Ao pensarmos sobre a liberdade/emancipação dessas dominações, estamos nos referindo ao *empowerment* ou em português o empoderamento, em suas duas formas: a individual e a coletiva. A complexidade ao falar de empoderamento no Brasil é muito grande, isso ocorre pelo fato de não existir no dicionário brasileiro esse termo, e pelos vários sentidos em que esta palavra é usada. O empoderamento é indissociável do poder nos aspectos de obtenção, alargamento e reforço (BAQUERO, 2012).

A autora ressalta que a utilização crescente do termo *empowerment* ocorreu a partir dos movimentos emancipatórios da civilização, como por exemplo, o movimento dos negros, das mulheres, dos homossexuais e do movimento pelos direitos da pessoa deficiente. Entretanto, suas raízes nos EUA estão embasadas na Reforma Protestante, realizada por Lutero no século XVI na Europa, ao lutar por justiça social. Sua maior notoriedade se deu na década de 1960, quando eclodiram movimentos sociais de libertação e de contracultura, desta forma o *empowerment* tornou-se sinônimo para emancipação social.

A tradição do termo empoderamento tem suas raízes na Reforma Protestante de Martinho Lutero; na sua época a Escritura Sagrada não era traduzida para o alemão, era apenas escrita no latim, e o povo não tinha acesso aos seus ensinamentos, a população estava sujeita às interpretações que a Igreja Católica determinavam como corretas. Após Martinho Lutero publicar suas 95 teses que questionavam as interpretações do papado e traduzir a Bíblia na língua alemã, ele proporcionou o empoderamento do povo humilde da Alemanha, pois não dependiam de outra pessoa para terem acesso e interpretarem as palavras da Bíblia. Nos anos 1970, são os movimentos de autoajuda que irão influenciar esse conceito, nos anos 1980 é a vez da psicologia comunitária, nos anos 1990 são os movimentos que visam a cidadania em suas várias ramificações (saúde, educação, política, justiça e ação comunitária), e atualmente são pelos: movimento feminista, ações sociais e direitos civis (BAQUERO, 2012).

Anais XVII Semana de Psicologia da UEM e IX Seminário de Pesquisa da
Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde mental: as dimensões políticas da Psicologia – 24 a 27 de outubro de
2016

De forma geral, acredita-se que o empoderamento pode ocorrer em três diferentes níveis: individual, organizacional e comunitário. Baquero (2012) contribui explicando cada nível do empoderamento. O nível individual diz respeito à análise psicológica, a forma como o indivíduo se vê e procura recursos para modificar sua vida, desta forma, se empoderando em autoestima, autoafirmação e autoconfiança. O nível organizacional se refere a autonomia, delegação e participação dos colaboradores de uma organização, de forma que estes, participem ativamente das decisões da empresa na qual eles fazem parte, implicando em decisões coletivas. O nível comunitário está relacionado com a união de indivíduos desfavorecidos que procuram meios de melhorarem o ambiente em que vivem, “[...] buscando a conquista plena dos direitos de cidadania, defesa de seus interesses e influenciar ações do Estado” (BAQUERO, 2012, p. 178).

Gohn (2004 *apud* BAQUERO, 2012) ressalta que o *empowerment* não tem um significado universal, podendo desta forma atingir grupos, comunidades, pessoas carentes, excluídos da sociedade, proporcionando meios que os impulsionem e os promovam. Para esta autora, há duas formas distintas de entender o empoderamento, uma como verbo transitivo (sujeito agindo sobre um objeto) o qual se refere a dar poder a outro, no qual os profissionais podem empoderar os demais. Sendo assim, quem está empoderando é o agente, é quem está executando o empoderamento, e o indivíduo ou grupo que irão se empoderar através desses profissionais reagem de forma passiva, pois são incapazes de empoderar-se sozinhos, sendo assim é uma relação em que um indivíduo/grupo pode trazer empoderamento a outro indivíduo/grupo. A outra forma de entender o empoderamento é como verbo intransitivo (ação do sujeito), está relacionada ao processo que o próprio indivíduo detém o controle de sua vida, tornar-se empoderado. Leon (*apud* SARDENBERG, 2006) contribui ao afirmar que o empoderamento deve ser visto de forma coletiva, afinal somos construídos de acordo com a nossa sociedade, não vivemos sozinhos, o empoderamento individual, o qual a pessoa consegue as coisas por si só, é uma ilusão.

Para Mosedale (2005 *apud* SARDENBERG, 2006), não há como uma pessoa empoderar outra, pois o empoderamento é inerente a uma autorreflexão, o que as outras pessoas podem fazer é facilitar o empoderamento, criar meios de obter essa emancipação. O empoderamento é um processo e não há um momento de empoderamento absoluto. A autora afirma que o fator central do empoderamento é o poder, e que este existe em quatro estados: poder sobre (quando uma pessoa tem poder sobre a outra, é a relação poder x subordinação);

poder de dentro (como o indivíduo se vê, sua autoestima e autoconfiança); poder para (quando se conquista algo, mas de forma que não invade os direitos do outro, por exemplo aprender a ler); e poder com (relacionado com a solidariedade, com o bem coletivo). Para Shirin Rai (2002 *apud* SARDENBERG, 2006) o movimento feminista prefere utilizar o termo empoderamento em detrimento do poder, porque aquele tem um foco nos oprimidos, e não nos opressores; outra razão é a conotação do poder para, é um poder que capacita às mulheres, traz competência e não superioridade.

PÁGINA MULHERES EMPODERADAS

A página do *Facebook Mulheres Empoderadas* foi criada em 19 de agosto de 2014 por sua administradora, Ana Baderna. Segundo palavras da autora, a página foi criada quando ela estava vivendo uma crise e decidiu usar a arte, no caso, os seus desenhos, como forma de buscar poder e tornar-se mais forte. Os desenhos produzidos eram de personagens de filmes ou autorais, com frases que lhe transmitissem força e que a fizesse sentir-se melhor. Resolveu criar a página para que pudesse desenhar outras mulheres, assim, estender este poder a elas também. Ana descreve a página como “doses de amor e forças diárias de mulheres para outras mulheres” (BADERNA, 2014, s. p.).

A página é constituída por depoimentos de mulheres que enfrentaram ou ainda enfrentam problemas causados pelo patriarcado¹ e relatos sobre quando o empoderamento entrou em suas vidas e como a modificou. Juntamente com a declaração dessas mulheres, é publicado um desenho seu feito por Ana Baderna, como um presente. Ao transformar em arte elementos que antes eram motivos de vergonha/ansiedade, a autora empodera as mulheres, pois oferece uma nova perspectiva, um novo ângulo sobre aspectos antes rotulados e tidos como negativos.

Escolhemos quatro postagens que se referem aos estereótipos do corpo feminino para serem analisados nos aspectos de gênero, empoderamento e beleza. A primeira postagem da *Página Mulheres Empoderadas* ocorreu em 19 de agosto de 2014 pela Fernanda Amorim (Figura 1), em seu depoimento ela diz:

Meu corpo sempre esteve muito dentro dos **padrões sociais**, então não foi difícil **aceitá-lo**. As coisas que me incomodam normalmente são muito discretas, as pessoas demoram a perceber, ou também nunca percebem. Eu tenho uma mancha nas costas, que por anos foi uma das minhas maiores inseguranças, sonhava com o dia que poderia cobrir com uma tatuagem (seria enorme!), mas quando fui chegando perto dos 18 anos e poderia

¹ Refere-se à organização social constituída pela supremacia masculina e conseqüentemente a subordinação das mulheres (SCOTT, 1989).

Anais XVII Semana de Psicologia da UEM e IX Seminário de Pesquisa da
Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde mental: as dimensões políticas da Psicologia – 24 a 27 de outubro de
2016

enfim tatuar, já estava aceitando melhor essa minha “peculiaridade”. Além de um cisto que eu tenho na testa, logo acima do olho, e que as pessoas sempre perguntam se eu caí e bati a cabeça. Eu nasci com essas coisas, são minhas marcas, e com o passar do tempo (até mesmo antes do feminismo entrar na minha vida), eu tomei consciência de que isso não era nada. Mas a parte mais difícil do meu empoderamento com relação ao meu corpo foi, sem dúvidas, meus pelos. Tenho ovário policístico e isso faz com que eu tenha muito mais pelo do que a maioria das mulheres, e isso sempre me deixou muito insegura. Ficar pelada na frente de uma pessoa pela primeira vez é meu teste de resistência, porque há um tempo **resolvi que não mais me forçaria a depilar para agradar ninguém**. Afinal, a **depilação me incomoda mais do que os pelos**. E essa questão eu consegui parcialmente superar com a problematização do feminismo. Eu já vejo como algo que não é necessário, e já não me acho “menos bonita” por conta disso. Só continuo um pouco insegura, mas ainda assim, não deixo de fazer nada porque não me depilei. Enfim, venho aprendendo a lidar com meus pequenos “defeitos” ao tirar da cabeça que são coisas ruins, e lembrar que simplesmente fazem parte de quem eu sou (AMORIM, 2014, s.p. grifos nossos).

Em uma sociedade que a cada dia exige mais da mulher em relação a ter um determinado perfil de corpo que é considerado como o referencial do belo, torna difícil para a pessoa que não se enquadra nesse padrão aceitar a si mesma, afinal, não queremos sofrer rejeição por parte do outro, por isso muitas vezes nos sujeitamos a nos moldar para sermos acolhidos e aceitos. Fernanda Amorim empoderou-se quando assumiu o controle do seu corpo ao decidir que não irá mais fazer algo que lhe incomoda com a intenção de agradar o olhar do outro. Esse empoderamento tem uma influência do movimento feminista, sendo assim, reforça que há possibilidade de outra pessoa, grupo ou fatores possam contribuir para empoderar o indivíduo.



Figura 1 – Fernanda Amorim

O padrão de beleza é algo que podemos constatar ao longo da história da civilização, sempre houve estereótipos da beleza corporal, porém, essa beleza muda conforme a época e a cultura (FLOR, 2010). Segundo Wolf (1992), no início dos anos 1970, as mulheres ocidentais obtiveram várias conquistas, como: direitos legais, controle de reprodução, educação superior, adentraram ao mundo dos negócios e profissões liberais. Todavia, uma libertação não foi alcançada: a imagem da beleza feminina imposta pela sociedade. Ao mesmo tempo em que as mulheres conseguiram abrir um espaço para que se empoderem, o índice de distúrbios

alimentares e cirurgia plástica por motivo estético, aumentaram consideravelmente. A proporção de mulheres que conseguiram dinheiro, poder, campo de ação e reconhecimento legal é significativamente alto quando comparada às mulheres antes da liberação², todavia, elas não possuíam a mesma coerção que as mulheres contemporâneas tem para entrarem no padrão de beleza. As mulheres atuais não possuem liberdade, pois estão imersas ao conceito de beleza que gera obsessão para com o corpo e medo de envelhecer.

Wolf (1992) acredita que o mito da beleza seja uma forma violenta que a política encontrou para reagir contra o feminismo, ou seja, um método de impedimento da evolução da mulher, no qual destrói psicologicamente e de forma camuflada todas as conquistas do feminismo. A utopia da beleza ainda controla as mulheres que o movimento feminista libertou, desta forma, não são mais os mitos da maternidade, castidade e passividade que servem como coerção social, e sim o mito da beleza. Os censores culturais da intelectualidade feminina passaram a ser as indústrias da dieta e dos cosméticos. Desta forma, a imagem da feminilidade deixa de ser a dona de casa feliz e passa a serem as modelos jovens e magras.

A segunda postagem a ser analisada é da Isabela Sena (Figura 2), que foi realizada em 20 de agosto de 2014. Em seu depoimento ela diz:

Durante boa parte da minha vida eu tentei esconder ou modificar meu corpo. Estava convencida que, de alguma maneira, eu era **deformada**, que meus traços eram ofensivos e que sendo tão repulsiva, deveria chamar o mínimo de atenção possível. [...] evitei me olhar no espelho por anos e até hoje **não consigo formar uma imagem mental de mim mesma** (SENA, 2014, s.p. grifos nossos).



Figura 2 – Isabela Sena

² Está se referindo ao período anterior ao movimento feminista (WOLF, 1992).

Anais XVII Semana de Psicologia da UEM e IX Seminário de Pesquisa
da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde mental: as dimensões políticas da Psicologia – 24 a 27 de outubro
de 2016

Para Campelo (2003), o corpo pode ser visto de duas formas: corpo biocultural e corpo-mídia. O corpo biocultural é o corpo humano propriamente dito, constituído pela parte biológica do indivíduo e também pela cultura a qual ele pertence, pois há uma troca de informações entre as pessoas e o ambiente, o que influencia em sua constituição. Já o corpo-mídia, é a imagem do corpo ideal que a mídia constrói e dita para o público que é considerado belo e o padrão a ser almejado, é idealizado sempre como saudável e jovem. Para alcançar a jovialidade é necessária uma postura jovem, por mais que a pessoa esteja idosa ou a gravidade já tenha ocorrido; essa postura é caracterizada por roupas que dão status de bem-vestido, pele e dentes sem nenhum defeito, corpo em forma e postura física ereta. Contudo, podemos concluir que este corpo não é igual ao do ser humano, ele é específico, afinal a permanência da jovialidade, é contrária ao desenvolvimento do corpo humano que sofre as marcas do tempo e da gravidade. O corpo-mídia cria no corpo biocultural os déficits emocionais, desta forma o indivíduo necessita consumir produtos para poder tornar-se mais belo de acordo com o que o corpo-mídia enaltece. Assim, emerge um terceiro tipo de corpo, o corpo-desejo, o qual o corpo biocultural busca conquistar para ser comparado ao do corpo-mídia. Isabela Sena (2014) continua seu relato:

Minha relação com meu corpo mudou quando eu **mudei meu olhar** sobre ele. Nós passamos tanto tempo sendo **convencidas que nosso corpo não é nosso**, que ele deve servir ao olhar do outro, ao prazer do outro, que é impossível não se ver insuficiente. Hoje eu consigo ver meu corpo parte de mim, um dos espaços que precisei retomar pra exercer minha liberdade, me locomover, militar, sentir prazer. Pra mim essa relação vai muito além de aceitação, ou passar a ver “beleza em mim”, tem a ver com **assumir o controle** sobre ele, entender que a única pessoa que ele deve satisfazer sou eu e que ser bonita ou atraente não é nem de longe tão importante quanto ser sua (SENA, 2014, s.p. grifos nossos).

Isabela Sena conseguiu ver que a maneira como estava vendo seu corpo era fruto de uma construção social de como deve ser o corpo feminino, ou seja, uma questão de gênero. Seu olhar se desvinculou do que o corpo-mídia enaltece e passou a notar que o seu corpo biocultural não a torna inferior. A terceira postagem a ser analisada ocorreu em 22 de agosto de 2014, de Mariah Soares (Figura 3), ela diz:

Eu queria pedir desculpas pra mim. Por todas as vezes que eu acreditei ser feia, por todos os momentos de auto sabotagem. por pensar, muitas vezes, que a **morte era solução**. Por prestar atenção sempre nos meus defeitos e esquecer que eu tenho qualidades maravilhosas. e eu, definitivamente, não tenho que viver em função da **aprovação dos outros**. [...] essas coisas não são meus "defeitos". isso tudo é o que eu sou. [...] e não da pra viver a vida pensando se vão me aceitar ou não, se vão me achar bonita ou não: **eu me aceito**. Eu só peço desculpas a mim mesma por ter percebido isso com 23 anos. foram 23 anos de reprovação, choros, depressão. Me

Anais XVII Semana de Psicologia da UEM e IX Seminário de Pesquisa
da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde mental: as dimensões políticas da Psicologia – 24 a 27 de outubro
de 2016

achando a pior pessoa do mundo e **esperando alegre pelo dia em que eu iria embora do mundo**. Hoje eu peço pra não ir embora nunca, não agora que eu comprei um biquíni. E vai ter biquíni com mina gorda sim! eu me olho no espelho e só consigo pensar que minhas estrias são charme. minha flacidez é gostosura. e que, de cara limpa, eu sou 150% mais bonita. toda mulher é. nenhuma mais bonita que a outra: todas juntas. Obrigada por todas as mulheres lindas que me amaram e que **ajudaram a fazer com que eu me amasse** (SOARES, 2014, s.p. grifos nossos).



Figura 3 – Mariah Soares

Segundo Flor (2010), com a exposição frequente na mídia de corpos sarados considerados o padrão de beleza, o indivíduo sente-se impelido a buscar o corpo que está no auge. Fischler (1995 *apud* FLOR, 2010) corrobora ao afirmar que a sociedade contemporânea causa uma coerção social ao corpo, assim pessoas obesas ou consideradas feias são desprezadas e desprestigiadas. A quarta postagem a ser analisada é de Ana Falchi (Figura 4), que foi realizada em 23 de agosto de 2014. Ela relata:

Eu cresci ouvindo coisas como "não pode ser gorda" e "você precisa emagrecer senão não vai arranjar namorado". [...] Sempre fui meio reprimida socialmente porque, quando criança, **não me encaixava nos padrões de beleza**. [...] Desde pequena questionava todos esses julgamentos. Mas por que eu não posso ter minha barriguinha? Por que não posso comer batata frita com muito ketchup e Coca-Cola pra acompanhar? Por que tenho que passar maquiagem pra esconder as espinhas? Por que tenho que alisar o cabelo pra ser aceita? Por que tenho que sentir dor e arrancar minhas sobrancelhas? Por que tenho que depilar as pernas? Por que preciso usar esses brincos? Simples: **porque eu sou mulher**. [...] eu me adequei aos padrões porque queria ser **aceita**, cobiçada, popular. Queria deixar de ser a menina do cabelo pixaim. Queria ser a menina dos longos cabelos lisos e **corpo de revista** que chamava a atenção. Emagreci. Alisei o cabelo. Comecei a usar maquiagem. Comecei a me estereotipar naquilo que chamam de 'feminino', assim como fazem todas nós que somos socializadas como mulheres e não temos alguém pra dizer: ei, escuta, você tem que ser do jeito que você quiser (FALCHI, 2014, s.p. grifos nossos).

Anais XVII Semana de Psicologia da UEM e IX Seminário de Pesquisa
da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde mental: as dimensões políticas da Psicologia – 24 a 27 de outubro
de 2016



Figura 4 – Ana Falchi

Knopp (2008 *apud* FLOR, 2010) ressalta que o corpo perfeito é supervalorizado no mercado de consumo, no qual a aparência física passou a ser característica de um status e condição social. Tornam-se símbolos relacionais e com valor de troca. Flor (2010) corrobora ao apontar que o corpo, os cosméticos, as cirurgias, as academias e os *personal trainers* são utilizados para criarem vínculos e/ou fazer distinção social e satisfação das necessidades. O consumo dessas mercadorias passam uma satisfação, competição, felicidade e status sociais.

Segundo Faria (2010), atualmente a preocupação com o corpo tomou proporções colossais, as academias cada vez mais se parecem com clubes paradisíacos, aumento de estabelecimentos como, por exemplo, *spas* e clínicas de embelezamento. A mídia, principalmente a propaganda, teria papel significativo para incentivar e reforçar as práticas que almejam alcançar um corpo nos moldes de padrão de beleza da sociedade. Corroborando com essa afirmativa Flor (2010, p. 5) aponta que:

Os meios de comunicação de massa tem sido um importante veículo na divulgação, construção dos padrões de beleza, de exclusão social e consumo, pois enquanto dispositivo de poder a serviço de uma comunicação baseada nas fórmulas de mercado atualiza constantemente as práticas coercitivas que atuam explicitamente sobre a materialidade do corpo.

Ana Falchi ainda relata:

Fui acolhida e conheci mulheres maravilhosas que tiveram muita paciência comigo e me ajudaram a desconstruir todo o machismo que fazia parte da lavagem cerebral que a sociedade fez em mim assim que vim ao mundo. E me libertei de todas aquelas ordens que eu recebia desde pequena. [...] A gente começa a se amar, a se valorizar, a se olhar no espelho e ver ali, refletida, nós mesmas, só que sem aquele peso de antes. A gente aprende a se amar como somos, sem tirar nem por (FALCHI, 2014, s.p.).

Ana Falchi foi empoderada por terceiros, outras mulheres a ajudaram nesse processo de emancipação e de tomar as rédeas de controle e poder do seu corpo.

TÓPICOS EM COMUNS NAS POSTAGENS

Segundo Bakhtin³ (1997 *apud* SCORSOLINI-COMIN; SOUZA; SANTOS, 2010), o processo de construção de si permeia o dialogismo e a polifonia. Isso ocorre porque o indivíduo se apropria de discursos, concepções e práticas de seu contexto cultural, essa apropriação torna a pessoa co-construtora. Desta forma, o outro passa a fazer parte de mim, pois ele contribui para a minha constituição como indivíduo. O dialogismo se refere a formação do ser humano através da interação com outros indivíduos, pelas relações sociais. Quanto à polifonia, sua relação na construção do homem se refere ao fato das várias vozes (as pessoas da sociedade) interferirem nesse processo, sem que uma sobressaia a outra.

Para Scorsolini-Comin, Souza e Santos (2010) o grupo de apoio é um sistema que os membros relatam histórias de sua vida, que os afligem, nesses relatos são exposto como a sociedade e a cultura os enxergam e também como eles se veem através dessa construção do olhar do outro, esse outro pode ser os familiares, amigos, mídia, ou seja, a sociedade como um todo. Nesse tipo de grupo o sofrimento subjetivo é compartilhado, os integrantes discursam sobre conteúdos que as identificam e as particularizam. Quando percebemos que outras pessoas passam ou passaram por uma situação semelhante à nossa, temos um alívio, que acarreta no aumento da autoestima e na diminuição do estigma social. Os autores mencionados afirmam que:

[...] esses discursos dominantes podem ser legitimados e ratificados como vozes definidoras de sua identidade, mas também podem ser desconstruídos e retificados dependendo do modo como são acolhidos e significados pelos demais (SCORSOLINI-COMIN; SOUZA; SANTOS, 2010, p. 473).

Ao lermos os depoimentos das quatro postagens da Página do *Facebook Mulheres Empoderadas*, percebemos que há conteúdos em comum. O primeiro é a problemática da aceitação aliado ao fato de não estar de acordo com o padrão de beleza. Fernanda Amorim relata: “Meu corpo sempre esteve muito dentro dos padrões sociais, então não foi difícil

³ Apesar deste autor ser de abordagem psicanalítica marxista, seus conceitos sobre dialogismo e polifonia corroboram para nossa contextualização de grupo de apoio.

Anais XVII Semana de Psicologia da UEM e IX Seminário de Pesquisa
da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde mental: as dimensões políticas da Psicologia – 24 a 27 de outubro
de 2016

aceitá-lo” (AMORIM, 2014, s.p.), podemos observar por essa fala que a sociedade impõe um padrão de beleza para as mulheres e que Fernanda não questionou a princípio esses padrões, pelo contrário, acreditou que esta era a verdade, outros relatos nos demonstram que essa imposição acomete as mulheres desde a tenra idade, como no caso de Ana Falchi que diz

“Sempre fui meio reprimida socialmente porque, quando criança, não me encaixava nos padrões de beleza” (FALCHI, 2014, s.p.).

O estereótipo do que é feminino e do que é belo constantemente vem sendo incutido na mente dos indivíduos desde a educação que recebem dos pais, como por exemplo, as falas: “[...] ‘não pode ser gorda’ e ‘você precisa emagrecer senão não vai arranjar namorado’ (FALCHI, 2014, s.p.). Isabela Sena contribui ao dizer que “Nós passamos tanto tempo sendo convencidas que nosso corpo não é nosso, que ele deve servir ao olhar do outro, ao prazer do outro” (SENA, 2014, s.p.), esse pensamento irá contribuir para que não aceitemos nosso corpo e vejamos nossas diferenças como defeitos que precisam ser consertados para que possamos ser aceitos pelos outros e por nós mesmos. Como seres sociais precisamos relacionar com o outro, essa dificuldade de interação acarreta outro ponto relatado com veemência: o complexo de inferioridade.

O relato de Isabela Sena demonstra essa relação de sofrimento causado pelo fato de não sentir-se aceita perante os outros devido à aparência:

Durante boa parte da minha vida eu tentei esconder ou modificar meu corpo. Estava convencida que, de alguma maneira, eu era deformada, que meus traços eram ofensivos e que sendo tão repulsiva, deveria chamar o mínimo de atenção possível. [...] evitei me olhar no espelho por anos e até hoje não consigo formar uma imagem mental de mim mesma (SENA, 2014, s.p.).

Percebemos esse aspecto também no depoimento de Mariah Soares que diz:

Eu queria pedir desculpas pra mim. Por todas as vezes que eu acreditei ser feia, por todos os momentos de auto sabotagem. por pensar, muitas vezes, que a morte era solução. Por prestar atenção sempre nos meus defeitos e esquecer que eu tenho qualidades maravilhosas. e eu, definitivamente, não tenho que viver em função da aprovação dos outros. [...] foram 23 anos de reprovação, choros, depressão. Me achando a pior pessoa do mundo e esperando alegre pelo dia em que eu iria embora do mundo (SOARES, 2014, s.p.).

A forma que algumas mulheres encontraram para não sofrer com esse estigma, foi procurar meios para se enquadrarem no que é determinado como o ideal da beleza feminina, como por exemplo o caso de Ana Falchi, que relata:

Anais XVII Semana de Psicologia da UEM e IX Seminário de Pesquisa
da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde mental: as dimensões políticas da Psicologia – 24 a 27 de outubro
de 2016

[...] eu me adequei aos padrões porque queria ser **aceita**, cobiçada, popular. Queria deixar de ser a menina do cabelo pixaim. Queria ser a menina dos longos cabelos lisos e **corpo de revista** que chamava a atenção. Emagreci. Alisei o cabelo. Comecei a usar maquiagem. Comecei a me estereotipar naquilo que chamam de 'feminino', assim como fazem todas nós que somos socializadas como mulheres (FALCHI, 2014, s.p.).

As mulheres que analisamos as postagens desconstruíram a visão que elas tinham delas mesmas devido a influência do olhar do outro, e procuraram se empoderarem, como podemos observar em suas falas:

[...] resolvi que não mais me forçaria a depilar para agradar ninguém. Afinal, a depilação me incomoda mais do que os pelos. [...] já não me acho “menos bonita” por conta disso. [...] venho aprendendo a lidar com meus pequenos “defeitos” ao tirar da cabeça que são coisas ruins, e lembrar que simplesmente fazem parte de quem eu sou (AMORIM, 2014, s.p.).

Minha relação com meu corpo mudou quando eu mudei meu olhar sobre ele. [...] Hoje eu consigo ver meu corpo parte de mim, um dos espaços que precisei retomar pra exercer minha liberdade, me locomover, militar, sentir prazer. Pra mim essa relação vai muito além de aceitação, ou passar a ver “beleza em mim”, tem a ver com assumir o controle sobre ele, entender que a única pessoa que ele deve satisfazer sou eu e que ser bonita ou atraente não é nem de longe tão importante quanto ser sua (SENA, 2014, s.p.).

Hoje eu peço pra não ir embora nunca, não agora que eu comprei um biquíni. E vai ter biquíni com mina gorda sim! eu me olho no espelho e só consigo pensar que minhas estrias são charme. minha flacidez é gostosura. e que, de cara limpa, eu sou 150% mais bonita. toda mulher é. nenhuma mais bonita que a outra: todas juntas (SOARES, 2014, s.p.).

[...] me libertei de todas aquelas ordens que eu recebia desde pequena. [...] A gente começa a se amar, a se valorizar, a se olhar no espelho e ver ali, refletida, nós mesmas, só que sem aquele peso de antes. A gente aprende a se amar como somos, sem tirar nem por (FALCHI, 2014, s.p.).

Outro aspecto comum entre as postagens é a relação de que terceiros puderam contribuir para o empoderamento. Ana Falchi e Mariah Soares relatam que algumas mulheres as ajudaram a modificar a visão que tinham de seu corpo e a se amarem como são, e Fernanda Amorim cita a importância do movimento feminista teve para essa nova visão a respeito da sua imagem.

Devido ao fato dessas mulheres compartilharem sentimentos semelhantes dos mesmos aspectos de suas vidas, criarem uma identificação uma com as outras e conseguirem ressignificar suas dificuldades, consideramos que a Página *Mulheres Empoderadas* tem características de um grupo de apoio, pois se trata de um espaço acolhedor e sem julgamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo indivíduo é construído socialmente, o que reflete na concepção que tem a respeito dos gêneros, modificando, assim, o seu comportamento e a forma de ver seu próprio corpo. O gênero feminino é fortemente estereotipado e infringido a uma coerção social em relação ao corpo. A mídia corrobora com a divulgação e a manutenção do padrão de beleza feminino, o qual tem como característica principal a jovialidade, portanto, em contradição com a gravidade e o envelhecimento a qual todos os indivíduos estão sujeitos, assim, a mulher busca meios para manter esse corpo-desejo, utilizando cirurgias plásticas, academias, dietas e salão de beleza.

O movimento feminista conseguiu várias conquistas de independência para as mulheres, todavia, o mito da beleza é uma emancipação necessária que não foi atingida por completo, pois muitas mulheres se veem presas e controladas pela utopia do belo. Podemos constatar pelas postagens analisadas da *Página Mulheres Empoderadas* que é de suma importância sentir-se aceito pelo outro, porém, quando a mulher não está de acordo com o padrão de beleza imposto socialmente, a consequência é o sentimento de inferioridade. Todavia, através do empoderamento elas desconstruíram o machismo que fizeram parte de suas vidas e com participação de terceiros nesse processo de emancipação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Fernanda. **Fernanda Amorim**. 19 ago. 2014. Disponível em:<
<https://www.facebook.com/empoderamentofeminino/photos/a.334247326734810.107374182.8.334086170084259/334246993401510/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 out. 2015.

BADERNA, Ana. **Ana Baderna**. Disponível em https://www.facebook.com/empoderamentofeminino/info/?tab=page_info. Acesso em: 7 nov. 2015.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **REVISTA DEBATES**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012. Disponível em:<
<http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722/17099>>. Acesso em: 4 maio 2015.

Anais XVII Semana de Psicologia da UEM e IX Seminário de Pesquisa
da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde mental: as dimensões políticas da Psicologia – 24 a 27 de outubro
de 2016

CAMPELO, Cleide Riva. Publicidade e corpo. In: CONTRERA, Malena Segura; HATTORI, Osvaldo Takaoki (Org.). **Publicidade e cia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

FALCHI, Ana. **Ana Falchi**. 23 ago. 2014. Disponível em:<
<https://www.facebook.com/empoderamentofeminino/photos/a.334247326734810.1073741828.334086170084259/336150639877812/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 out. 2015.

FARIA, Márcia Pimenta. O corpo na mídia e o culto ao corpo na contemporaneidade. In: XII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 27 a 29 de maio de 2010, Goiânia, GO. **Anais...** Goiânia: Intercom, 2010. Disponível em:<http://www.researchgate.net/publication/228842007_O_Corpo_na_Mdia_eo_Culto_ao_Corpo_na_Contemporaneidade>. Acesso em: 4 maio 2015.

FLOR, Gisele. Beleza à venda: o corpo como mercadoria. **ComTempo**. V. 2, Ano 2 – Dez. 2010. Disponível em:< <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo>>. Acesso em: 12 out. 2015.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. Disponível em:<
<http://mairakubik.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/mairakubik/sites/3/2012/08/interpretando-genero-nicholson.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2015.

SARDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista**. Disponível em:<
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2015.

SCORSOLINI-COMIN, Fábio; SOUZA, Laura Vilela e; SANTOS, Manoel Antônio dos. A construção de si em um grupo de apoio para pessoas com transtornos alimentares. **Estudos de Psicologia**, Campinas, dez. 2010. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n4/05.pdf>> Acesso em: 12 out. 2015.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. 1989. Disponível em:<
http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 4 maio 2015.

SENA, Isabela. **Isabela Sena**. 20 ago. 2014. Disponível em:<
<https://www.facebook.com/empoderamentofeminino/photos/a.334247326734810.1073741828.334086170084259/334502673375942/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 out. 2015.

SOARES, Mariah. **Mariah Soares**. 22 ago. 2014. Disponível em:<
<https://www.facebook.com/empoderamentofeminino/photos/a.334247326734810.1073741828.334086170084259/335168946642648/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 out. 2015.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rocco: Rio de Janeiro: 1992.